

No Prado

José Manuel de Vasconcelos

Enquanto eu olhava o *Noli me tangere*,
tu preferias *As três Graças* e outros Rubens.
A mim, prendia-me esse instante com proporções de mistério
transcorrendo na inexorável fronteira da inquietação;
o efêmero brilho daquele corpo, confundido, dias depois da sua morte,
que não trazia paz à vida e ao desejo largo,
mal contido no êxtase dos olhos dela.
Aqueles braços desencontrados que vê desesperada, já pouco humanos são,
já traçam um abismo intransponível aos seus sobressaltos,
ao seu arfar hesitante, à inquietude que a faz estremecer.
A mão, desapojada, quer-se ainda iludir
mas o dedo que olha, aponta para o alto, para a bruma que só ele conhece,
para a noite que ninguém pode entender.
É certo que o seu passo é ainda indefinido, a posição dançante,
um pé avançado quase esconde o outro: um andar de criança - pensarias tu,
se não estivesses com Rubens.
Tudo isso parece convidá-la a acreditar que a vida pode ser prazer, pode ser paixão;
até mesmo o rosto que a olha e que tanto promete ainda,
no seu sorriso ambíguo e rápido, a leva a iludir-se;
mas o perfume que se exala do próprio momento, as vértebras que o silêncio fabrica,
o esfumado que a aragem traz às palavras ditas e o peso da luz já no litoral do dia
lhe vêm lembrar que o amor é sofrimento e que só lhe resta entregar-se
às sugestões da memória, aos abraços frios da solidão.
E no entanto, a mão que a afugenta é delicada e equívoca, e nunca ela
entenderá esse sinal na sua aparente contradição,
só sabe que um infinito os separa, que quem assim levanta o braço,

tem escrito no olhar um outro mundo e responde a um apelo
que por vezes também não consegue entender, mas que não pode evitar
no gesto breve e eterno a que ela com o seu olhar de fogo e súplica deu lugar.
A soerguida mão terá pois de voltar ao seu apoio
quando inclinar para trás o busto palpitante,
a boca entreaberta cerrar-se-á amarga,
o manto em desalinho na convulsão da carne asfiziada
os cabelos de mel sumir-se-ão no desgosto
quando à sua frente nada mais houver senão o vazio de uma clareira,
quando a tarde libertar do bosque as suas brisas
e o escuro cair surdo e total sobre os seus sonhos gelados.

E eu que entretanto me afasto, já só vejo a noite imensa e fria que há-de penetrá-la
enquanto o gesto dele a sustém indecisa
nessa espera sem esperança e sem alento
em que sempre a tenho encontrado.

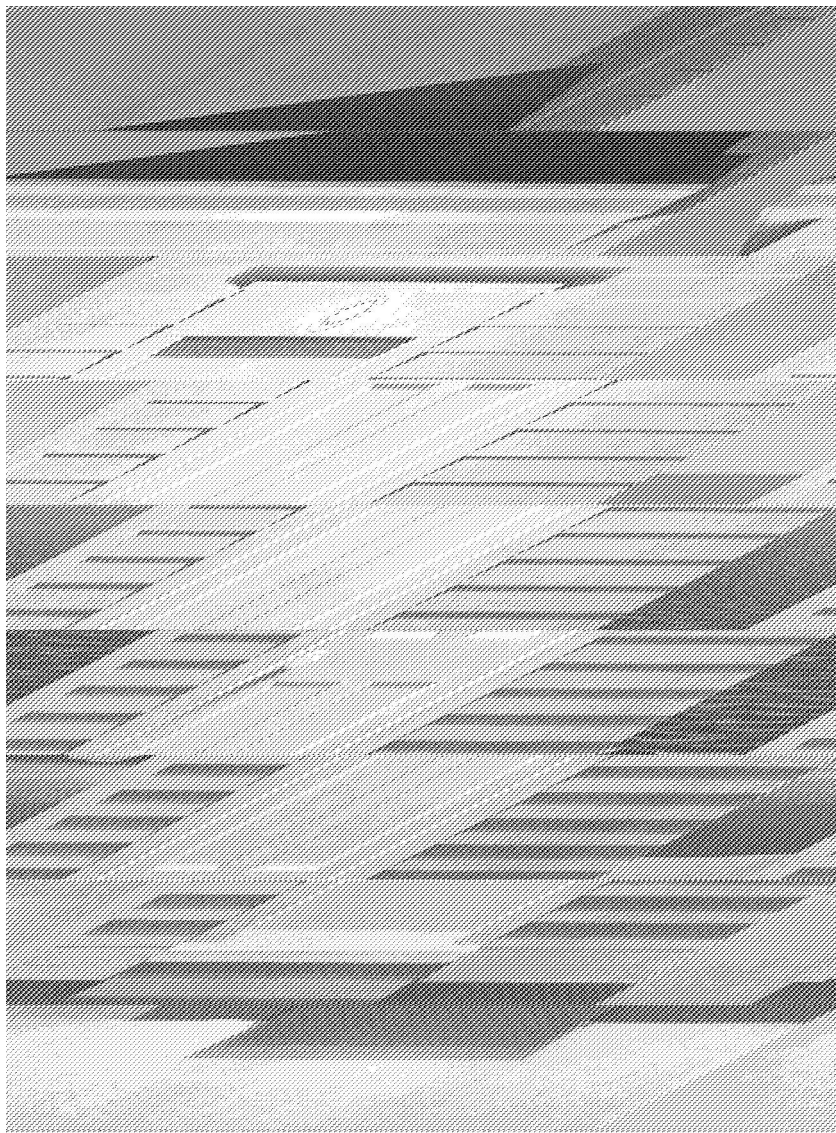
Mas ali perto bailam as três Graças,
que tu olhas com simpatia e malícia,
o teu nariz abre no espaço um caminho azul
que percorres demorada.
As tuas mulheres estão de pé, sustentando os altos corpos em pernas consistentes,
apenas os joelhos ajudam a flectir a doce plumagem do ritmo
que lhes escorre luzidio pela carne quebrada de estrias
e as entrega às grinaldas de Vénus.

Vivem da aproximação recíproca, sem horas magoadas, fazem sorrir os corpos
enlaçados,
amam a vida e falam em círculos persistentes que não conhecem a prostração,
podiam ser mães sonoras e viajam em sons que a outra, ajoelhada, desconhece.

Entre a paz e a guerra navegam pelo vinho da luz,
são serenas e brandas, inchadas de indolência
como limões rolam pela espuma dos prados
lúbricas e inocentes, gordas como os dias de verão.

Sei que te atraem, por isso voltaste as costas à pobre Madalena;
flutuas, não de joelhos, com a mão abandonada ao vazio da vertigem,

mas na ciência ativa de quem compara os corpos: os delas,
anafados e de risinhos doidos a estremecer as pregas da gordura;
o teu, que eu olho de longe, pensando em Madalena, esbelto e sedutor.



Christopher Pratt, *Porch Light* (1972), Óleo sobre madeira, 62×46 cm